**RODA DE CONVERSA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A
CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE DIÁLOGO NO ENSINO MÉDIO**

<http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v4i2.22222>

Marcia Cristina Henares de Melo *

Gilmar de Carvalho Cruz**

* Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibaiti – FEATI. marciachmelo@hotmail.com

** Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.
gilmailcruz@gmail.com

Resumo

A Roda de Conversa é uma possibilidade metodológica para uma comunicação dinâmica e produtiva entre alunos adolescentes e professores no ensino médio. Essa técnica apresenta-se como um rico instrumento para ser utilizado como prática metodológica de aproximação entre os sujeitos no cotidiano pedagógico. As discussões nas Rodas de Conversa foram pautadas nas percepções de professores e alunos sobre a adolescência e sua influência nas relações entre esses sujeitos. A análise dos dados revelou algumas dificuldades interacionais ligadas à condição de adolescente que, interpretada como condição de rebeldia, desinteresse e irresponsabilidade por alguns participantes da pesquisa, origina o distanciamento entre professor e aluno, impedindo um diálogo mais direto e efetivo no cotidiano da sala de aula. À luz de considerações de autores como Gatti, Iervolino e Pelicioni sobre Grupo Focal foram feitas as adaptações para a Roda de Conversa, que, mesmo realizada com grupos distintos de professor e de alunos, se mostrou um instrumento eficaz para o estabelecimento de um espaço de diálogo e interação.

Palavras-chave: Roda de Conversa, ensino médio, relação professor/aluno, diálogo.

Abstract: “Roda de conversa”: a methodological proposal for the construction of a space for dialogue in high school. The “Roda de Conversa” is a methodological possibility for a dynamic and productive communication between teenager students and teachers in high school. This technique is presented as a rich tool to be used as a methodological practice of approximation between subjects in everyday teaching. Discussions on “Roda de Conversa” were guided by the perception of both teachers and students about adolescence and its influence on the relations between these subjects. Data analysis revealed some interactional difficulties linked to the teenager condition, interpreted as a condition of rebellion, irresponsibility and lack of interest by some participants, that generates the distance between teacher and student, preventing a more direct and effective dialogue in the daily room class. In light of considerations of authors like Gatti, Iervolino and Pelicioni on Focus Group, adaptations to “Roda de Conversa” which, even when performed with different groups of teachers and students, proved to be an effective instrument for the establishment of an area of dialogue and interaction..

Keywords: “Roda de Conversa”, high school, teacher/student relationship, dialogue.

Introdução

O presente artigo apresenta a *Roda de Conversa* como proposta metodológica com vistas ao

incremento do diálogo entre professores e alunos no ensino médio. As *Rodas de Conversa* realizadas durante a pesquisa da dissertação de mestrado intitulada *Construção social do conceito de adolescência e suas implicações no contexto escolar* possibilitaram algumas reflexões referentes ao cotidiano escolar, tais como as percepções de professores e alunos sobre a adolescência e a escola, e a relação professor/aluno mediante as influências sofridas pelas percepções destes acerca da adolescência. Em outras palavras, o estudo possibilitou a compreensão da forma como se relacionam professores e adolescentes no cotidiano escolar mediante suas percepções sobre a condição adolescente.

Durante o desenvolvimento da pesquisa já se apresentaram os primeiros sinais de que essa técnica utilizada para levantamento de dados poderia se transformar em uma metodologia de trabalho em sala de aula como alternativa para melhorar a qualidade das relações que se estabelecem nos processos de ensino e aprendizagem. Mas, mais que uma técnica de pesquisa, as *Rodas de Conversa* abriram espaço para que os sujeitos da escola estabelecessem um espaço de diálogo e interação, ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro no cotidiano escolar.

No contexto da pesquisa a escolha dessa técnica – *Roda de Conversa* – ocorreu principalmente por sua característica de permitir que os participantes expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelo grupo. Para que a atmosfera de informalidade e descontração pudesse ser mantida, utilizou-se o termo *Roda de Conversa* para referir-se aos encontros, pois se entende que esse termo é adequado, tanto ao ambiente escolar, quanto ao grupo dos alunos.

A investigação de um fenômeno social é um desafio maior do que a investigação de um objeto físico à medida que se busca compreender uma realidade da qual o ser humano é agente. Esse desafio implica, segundo Ladrière (1991), superar as dificuldades impostas pela cientificidade ao longo de sua história e construir uma ponte entre o ‘esquema da explicação’, que se utiliza da linguagem do sistema e o ‘esquema da compreensão’ que se utiliza da ‘linguagem do sentido’ (LADRIÈRE, 1991, p. 10).

Ante o exposto, procurou-se manter o equilíbrio entre essas duas vias, a dos sistemas

materiais e a dos fenômenos sociais, a via dos fenômenos sociais não se perdesse, sendo possível a compreensão que pudesse dar sentido e significado a esse estudo. Nesse sentido, há que se observar, ainda, alguns questionamentos que se apresentaram no momento de fazer as escolhas pertinentes aos métodos e instrumentos que melhor se adequariam à pesquisa.

Como garantir o rigor científico à investigação sem engessá-la para não se correr o risco de se perder a própria vivência no universo que se dispõe desvelar? Como assumir a necessária objetividade da pesquisa científica, sem erigir um muro entre quem pesquisa e os participantes da pesquisa? Como direcionar uma pesquisa de campo que almeja a escuta *autêntica* e *espontânea* dos professores e alunos, no espaço escolar, sem estabelecer uma formalidade que comprometa essa *espontaneidade* e *autenticidade*? Quais instrumentos de coleta de dados seriam mais adequados aos sujeitos da pesquisa – professores e adolescentes –, a fim de promover uma expressividade real? Como promover um momento de interação entre os sujeitos da pesquisa, para proporcionar uma reflexão conjunta sobre suas *falas*? Foram questões como estas que perpassaram a definição dos caminhos metodológicos dessa investigação.

Frente às tais indagações, algumas opções foram se delineando mediante os objetivos propostos, como a adoção da pesquisa qualitativa, por compreender que esse tipo de pesquisa atendia ao propósito de adentrar a dimensão da ‘linguagem do sentido’, à medida que possibilita “[...] ao investigador verificar como as pessoas avaliam uma experiência, ideia ou evento; como definem um problema e quais opiniões, sentimentos e significados encontram-se associados a determinados fenômenos” (IERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 116).

Nessa perspectiva, foram encontradas as respostas às indagações acima mencionadas, bem como abriu-se uma via à ampliação das possibilidades de compreensão das falas e discursos dos participantes da pesquisa. Além disso, viabilizou-se um espaço interacional em que os participantes da pesquisa – incluindo quem pesquisa – puderam refletir sobre o objeto de pesquisa, proporcionando, assim, a construção de novos conceitos, que permitiram, posteriormente, impulsionar mudanças de atitudes no meio pesquisado, ou seja, na escola.

Há que se considerar, também, que a pesquisa em educação investiga fenômenos que, por sua vez, são fenômenos sociais repletos de

questões que perpassam o desenvolvimento das pessoas e das sociedades. A perspectiva da pesquisa qualitativa, na ótica de Gatti (2007), permite uma visão 'holística dos fenômenos', considerando tudo o que o compõe, ou seja, suas 'interações e influências recíprocas'. Tomá-la como alternativa metodológica pareceu ser o caminho mais adequado diante dos propósitos estabelecidos.

A coleta de dados por meio da *Roda de Conversa* permite a interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa por ser uma espécie de entrevista de grupo, como o próprio nome sugere. Isso não significa que se trata de um processo diretivo e fechado em que se alternam perguntas e respostas, mas uma discussão focada em tópicos específicos na qual os participantes são incentivados a emitir opiniões sobre o tema de interesse (IERVOLINO; PELICIONI, 2001). Entende-se que as informações produzidas nesse contexto são de caráter qualitativo, pois as opiniões expressas nessas *Rodas de Conversa* são 'falas' sobre determinados temas discutidos pelos participantes sem a preocupação com o estabelecimento de um consenso, podendo as opiniões convergirem ou divergirem, provocando o debate e a polêmica. Cabe ao mediador garantir a participação igualitária de todos, bem como atender aos critérios de estruturação da discussão. Por sua possibilidade de interação entre os participantes, a técnica da Roda de Conversa assume as mesmas características da técnica do grupo focal que é definida por Gaskel (2002, p. 79), como:

[...] uma 'esfera pública ideal', já que se trata de 'um debate aberto e acessível a todos [cujos] assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de *status* entre os participantes não são levadas em consideração; e o debate se fundamenta em uma discussão racional'.

Essa definição não só dimensiona as possibilidades interativas da *Roda de Conversa* como expressa uma característica de criar um espaço de diálogo e de escuta das diferentes 'vozes' que ali se manifestam, constituindo-se num instrumento de compreensão de processos de construção de uma dada realidade por um grupo específico. Como reforça Gatti (2005, p.11), essa técnica

[...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. **A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros** (grifo nosso).

Por sua característica interacional, essa técnica de pesquisa exige cuidados metodológicos que não devem ser desconsiderados pelo pesquisador, como alerta Gatti (2005), citando a preocupação em manter o foco no assunto em pauta, a necessidade de conservação de um clima aberto às discussões, o estabelecimento de um clima de confiança para que os participantes se sintam à vontade para expressarem ativamente suas opiniões. Ainda segundo Gatti (2005, p. 13):

Com esses procedimentos, é possível reunir informações e opiniões sobre um tópico em particular, com certo detalhamento e profundidade, não havendo necessidade de preparação prévia dos participantes quanto ao assunto, pois o que se quer é levantar aspectos da questão em pauta considerados relevantes, social ou individualmente, ou fazer emergir questões inéditas sobre o tópico particular, em função das trocas efetuadas.

A pesquisa: o local e seus sujeitos

A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Pública Estadual de Ensino do município de Ibaiti – PR, localizada na região central da cidade. Esta escola funciona em três períodos: manhã, tarde e noite; possui mais de mil alunos, sendo mais de trezentos do ensino médio. Nessa escola trabalham cerca de cem professores, cinco pedagogas e trinta e cinco funcionários de apoio administrativo. Por sua estrutura e demanda, a escola é considerada de médio porte.

Essa escola foi escolhida porque, desde 2009, a pesquisadora atua nela como Coordenadora Pedagógica. Mesmo fazendo parte do quadro de profissionais dessa escola, em atendimento aos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996), seguiu-se o protocolo de inserção no ambiente de investigação com uma carta de apresentação para a realização da pesquisa, encaminhada à direção da Instituição, na qual foram explicitados os objetivos da pesquisa e o tempo necessário à sua realização. De posse dessa autorização, iniciaram-se as aproximações com os alunos e os professores para convidá-los a participarem da pesquisa, utilizando para tanto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Neste estudo os dois grupos para as *Rodas de Conversa* – grupos de alunos e grupo de professores – foram formados, respectivamente, por alunos e professores cujos nomes apareciam nos registros da coordenação pedagógica, pelo fato de terem solicitado, em algum momento, intervenção para resolução de conflitos em sala de aula, bem como por alunos cujos nomes não apareciam nesses registros, mas sugeridos por coordenadores, professores e colegas.

A escolha de grupos diferentes ocorreu pela intenção de confrontar possíveis divergências nas percepções desses sujeitos com relação à adolescência, objeto da investigação da pesquisa, pois interessava-nos desvelar se a maneira de perceber a adolescência, por parte de professores e alunos que, frequentemente, se envolvem em conflitos e tensões no dia-a-dia da escola, se diferencia daqueles que, normalmente, não se envolvem nessas situações. Isso porque, em muitos momentos de mediação de conflitos entre professor e aluno ficava latente na fala de professores, e até mesmo de alunos, que o fato de ser adolescente justificaria este ou aquele ato deflagrador do conflito mediado. Era como se a adolescência estivesse, naturalmente, vinculada a um tipo de comportamento irresponsável ou até mesmo agressivo.

Construção das informações

O registro das interações aconteceu por meio de gravações de áudio e vídeo e de anotações cursivas de tudo o que acontecia no grupo: falas, reações e impressões. Para tanto, foi necessário contar com a colaboração de três envolvidos, além da própria pesquisadora: um operador de áudio e vídeo, um observador e um relator. Importante relatar que a presença desses

colaboradores não causou inibição nos participantes da pesquisa, pois, assim que começavam a se envolver nas discussões, pareciam se esquecer da presença dos colaboradores e mostravam-se à vontade para opinar sobre os temas propostos.

Vale lembrar que os instrumentos de construção de informações, ou coleta de dados desta investigação, aconteceram em duas etapas, a saber: a primeira etapa do procedimento investigativo constituiu-se de uma pesquisa documental, realizada com os cadernos de registros da equipe pedagógica da escola, arquivo privado da Instituição. Esses registros retratam situações ocorridas entre professores e alunos no ano de 2011 e trazem informações de momentos de tensões e conflitos que se estabelecem em sala de aula e que, em muitos casos, demandam a intervenção de um mediador, que pode ser o pedagogo, o diretor ou, em situações mais graves, o Conselho Tutelar, ou, até mesmo, a Patrulha Escolar¹. Esses registros conduziram à seleção dos participantes da pesquisa à medida que possibilitaram a identificação de sujeitos que protagonizaram situações de tensão e conflito no decorrer do período letivo.

Os registros pedagógicos constituíram-se material para esta pesquisa, pois foram sistematizados e utilizados como critério de convite para participação e como elementos geradores dos temas para os debates nos encontros posteriores. Os registros encontrados nos cadernos da Coordenação Pedagógica mostraram-se bastante voltados a questões comportamentais e, em sua grande maioria, descrevem situações de conflitos envolvendo professores e alunos durante as aulas. Esses registros relatam momentos em que a coordenadora pedagógica havia sido solicitada a comparecer na sala de aula, ou que os professores e alunos se dirigiam à Coordenação

¹ A Patrulha Escolar pertence ao Programa Patrulha Escolar Comunitária, implantado em 2003 no estado do Paraná e consiste em um programa de assessoramento da Polícia Militar do Paraná (PMPR) à comunidade escolar no que se refere à segurança. Esse Programa tem como prioridade ações preventivas e, em segundo plano, ações repressivas educativas, tendo sido instituído por meio da Lei Estadual nº 15.745 de 20 de dezembro de 2007 e do Decreto Estadual nº. 2.349 de 19 março de 2008.

Pedagógica em busca de auxílio para alguma situação surgida no decorrer de uma aula.

As situações apresentadas eram as mais variadas como se pode ler em alguns dos relatos apresentados na sequência:

A professora veio até a coordenação reclamar sobre o comportamento do aluno (...), alegando que o mesmo se intromete em assuntos que não são dirigidos a ele. Quando a professora (...), esclarecia o que deveria ser feito aos outros alunos, ele fez o gesto de 'chutar' para trás, onde deu a entender que ela seria um cavalo. (Registro da coordenação pedagógica de 03/03/2011).

Outra situação ocorrida na sala de aula e também levada à Coordenação Pedagógica é a relatada abaixo:

Na aula do professor (...), o aluno (...), ficou fazendo brincadeiras irônicas com os colegas na sala e irritando verbalmente a aluna (...), fica chamando ela de safada, e dizendo que ela tem que morrer, isto ele grita, pois cada um fica em um extremo da sala (Registro de 25/03/2011, assinado por quinze alunos da turma).

A próxima situação apresentada exigiu a presença da coordenadora pedagógica na sala de aula para acalmar a todos e normalizar o ambiente, a fim de que a aula pudesse acontecer. Foi a seguinte:

O aluno (...) relatou que o colega (...) deu um tapa em sua cabeça e na agenda do (...), que acertou o braço da professora (...). Eles estavam conversando e rindo alto durante a aula, atrapalhando a professora (Registro de 11/05/2011).

Esses registros se alternam entre brincadeiras com bolinhas de papel, agressividades físicas e verbais contra colegas e professores, recusa de o aluno realizar as atividades propostas pelos professores, alunos dormindo na carteira, utilização do telefone celular durante a aula, desrespeito com colegas e professores, conversas e risadas no momento em que o professor está explicando o conteúdo da disciplina, entre outros. Essas situações, que eram relatadas por professores e alunos e até mesmo verificadas *in loco* na qualidade de coordenadora pedagógica, foram utilizadas em

alguns momentos das *Rodas de Conversa* para fomentar as discussões.

Vale considerar que esses registros não serão discutidos com maior amplitude neste estudo por não apresentarem relevância para os objetivos aqui propostos. Ressalta-se que apenas serviram de instrumento de seleção dos participantes das *Rodas de Conversa*, bem como de tema gerador das discussões nos grupos.

As Rodas de Conversa

Os convites para a participação da pesquisa foram feitos mediante registros previamente observados, utilizando dois critérios: a) o número de vezes em que o nome desses professores e alunos apareciam nos registros da Coordenação Pedagógica, por terem solicitado intervenções para resolução de conflitos; b) professores e alunos cujos nomes não apareciam registrados nos cadernos da Coordenação. Os convidados não tinham conhecimento dos critérios utilizados para serem convidados a participarem da *Roda de Conversa*.

Estabeleceram-se esses critérios a fim de desvelar se havia divergência acerca da percepção de adolescência entre grupos que apresentam, nas aulas, comportamentos condizentes com o discurso sobre a adolescência, e grupos que apresentam um comportamento diferente do 'supostamente esperado' (MELO, 2013) para o adolescente. Assim sendo, era fundamental para os objetivos desta pesquisa que alunos e professores sem registros de conflitos na Coordenação Pedagógica também participassem dos debates e pudessem expressar suas concepções sobre a adolescência.

Os contatos com os alunos foram rápidos e fáceis, pois eles se mostraram receptivos e curiosos com o que aconteceria no grupo. Ficaram entusiasmados com a possibilidade de participarem de uma 'discussão'. O mesmo não aconteceu entre os professores. A primeira dificuldade foi em relação ao convite: as professoras que mais apresentavam registros de queixas de alunos nos cadernos da Coordenação Pedagógica não aceitaram participar da *Roda de Conversa*, alegando falta de tempo e até mesmo "não ter mais idade para isso", como disse em tom de brincadeira uma delas. A falta de tempo e de indisponibilidade foi a justificativa mais presente para o declínio ao convite.

Após algumas conversas, quatro professores, que atendiam aos critérios previamente

estabelecidos, aceitaram participar das *Rodas de Conversa*, duas das quais sob a condição de que os encontros acontecessem em horários que elas estivessem na escola; os outros dois professores disseram que não se importariam de comparecer em outro horário. Assim, entramos em contato com a direção da escola e pedimos autorização para realizarmos os encontros do grupo nos momentos de hora-atividade dos professores que haviam aceitado participar da pesquisa. Para viabilizar os encontros, fez-se uma análise do quadro de horário de aulas do período matutino – que era mais viável naquele momento – mediante o qual, pode-se, com a ajuda da equipe pedagógica da escola, adequar os horários de hora-atividade² dos quatro professores que participariam da *Roda de Conversa*, fazendo-os coincidir com as datas agendadas para os encontros. A partir de então ficaram agendados os encontros da seguinte forma: dois encontros com professores e dois encontros com alunos, com intervalo de uma semana entre cada encontro. Essa organização foi feita de acordo com a disponibilidade dos participantes e da própria escola.

No dia marcado para o primeiro encontro, que seria realizado após o intervalo do período matutino, logo no início da manhã, recebemos o telefonema da coordenadora pedagógica comunicando-nos que não seria possível realizarmos o encontro naquele dia, pois a escola estava tendo problemas de ausência de professores e faria uma reorganização de horários dos professores que estariam em hora-atividade para solucionar o problema. Os professores que participariam da *Roda de Conversa* teriam de ir para a sala de aula para substituir colegas que haviam faltado³.

A pesquisadora foi até à escola nessa mesma manhã para tentar agendar outra data e acabou se deparando com a seguinte situação: durante o intervalo os professores se reuniram para conversar sobre um protesto que haveria na escola na semana seguinte, quando as aulas seriam de 30 minutos em um determinado dia da

semana. Então, foi perguntado aos professores, sujeitos desta pesquisa, se aceitariam permanecer na escola nesse dia para a realização da primeira *Roda de Conversa*; todos aceitaram. Nesse mesmo dia, mais uma professora se juntou ao grupo, sendo esta uma das professoras mais jovens que compõem o quadro docente da escola. A referida professora se mostrou interessada no que estava sendo proposto pela pesquisa.

Os grupos ficaram constituídos, então por seis professores e seis alunos que aceitaram participar voluntariamente da *Roda de Conversa*, instrumento de construção de dados eleito para este estudo. O número de participantes dos grupos seguiu a organização proposta para o Grupo focal, que sugere entre seis e 15 participantes. Para efeitos de conservação do sigilo e preservação da identidade dos participantes da pesquisa, foi utilizada uma codificação dos sujeitos para a referência aos professores e alunos com as letras “P” e “A”, respectivamente, seguidas por números de um a seis, correspondente ao número de participantes de cada grupo. Assim, a codificação passou a ser P1, P2, P3, P4, P5 e P6, para identificar os professores; e A1, A2, A3, A4, A5 e A6, para identificar os alunos. Também para identificar melhor os grupos, cada *Roda de Conversa* foi identificada por uma letra correspondente ao sujeito participante, sendo *Roda de Conversa* “A”, para o grupo formado por alunos; e *Roda de Conversa* “P”, para o grupo formado por professores. Cada *Roda de Conversa* teve uma duração média de uma hora e meia, também seguindo a orientação da técnica do Grupo focal (IERVOLINO; PELICIONI, 2001).

A primeira *Roda de Conversa* constante desta pesquisa aconteceu no período matutino, da qual participaram os seis alunos convidados, a pesquisadora, um operador de gravação, um observador e uma relatora. A sala utilizada foi a sala de vídeo da escola, que se trata de uma sala de aula adaptada para esse fim, sendo um espaço amplo com muitas carteiras dispostas em filas. Para dar um clima de proximidade, as cadeiras foram organizadas em um círculo pequeno no qual os sujeitos da pesquisa se posicionaram para a conversa.

Iniciamos a conversa dando boas-vindas a todos, agradecendo-lhes pela participação. Foi-lhes informado novamente (pois isso já havia sido feito individualmente, no momento do convite) o motivo do encontro. Também solicitamos a autorização de todos para que a conversa fosse gravada e filmada, garantindo o

² Hora-atividade, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394/96, em seu artigo 67, inciso VI, constitui-se de uma percentagem da carga-horária semanal dos professores dedicada a estudos, planejamentos e avaliação.

³ Apesar de fazer parte do quadro de professores desta escola, durante a realização da pesquisa, a pesquisadora se encontrava afastada da função para dedicar-se ao Mestrado.

sigilo de tudo o que seria dito, e, ainda, tranquilizando-os em relação à utilização desses registros. Em seguida, sempre procurando deixar todos à vontade, foram apresentadas as 'regras' da conversa, pedindo-lhes que tomassem o cuidado de não falarem todos ao mesmo tempo, para que fosse possível o registro do que estava sendo dito. A princípio, os alunos estavam um pouco constrangidos e desconfiados, mas aos poucos alguns foram se soltando e participando da conversa com desenvoltura; outros ainda permaneceram tímidos e só falavam quando eram muito incentivados pela mediadora, no caso a pesquisadora.

No decorrer da conversa, os alunos se mostraram tranquilos e aparentemente à vontade. Apenas dois alunos estavam um pouco mais resistentes ao diálogo: a aluna A1, dando um ar formal às suas respostas e o aluno A5, muito quieto, parecia ficar observando as respostas e precisava ser sempre incentivado pela pesquisadora para emitir sua opinião sobre o assunto que estava sendo discutido. Nessa primeira *Roda de Conversa* com os alunos, os temas discutidos foram: escola, aulas, professores e adolescência. As falas dos alunos, nesse primeiro contato, deram o direcionamento para o encontro seguinte, que ocorreu no intervalo de duas semanas, seguindo a mesma organização anterior. Esse intervalo de duas semanas para a realização dos encontros aconteceu por conta da organização dos próprios professores e da escola, posto que os professores preferiam que os encontros acontecessem durante as horas-atividade, como anteriormente exposto. Também a definição de dois encontros foi feita com os participantes, pois estes demonstravam preocupação em assumir um compromisso por um tempo mais longo e não terem disponibilidade para tanto.

A alteração sofrida na segunda *Roda de Conversa* com os alunos foi a ausência de dois alunos, A5 e A6, que, por motivos particulares, não puderam participar do encontro previamente agendado. A dificuldade sentida por parte da pesquisadora na tarefa de mediação com esse grupo foi no sentido de manter os participantes focados no tema da discussão, pois suas falas, às vezes, se direcionavam por caminhos que divergiam da proposta inicial. Mesmo assim, procurou-se aproveitar ao máximo as falas e sempre redirecionar o grupo para os temas apresentados. Em alguns momentos, surgiam divergências entre os

participantes, as quais precisavam ser mediadas com certa habilidade.

A primeira *Roda de Conversa* com os professores, depois de superadas as dificuldades relatadas anteriormente, aconteceu em uma sala de aula pequena da escola, destinada ao atendimento para pequenos grupos, e seguiu a mesma dinâmica utilizada com os alunos. Estavam presentes os seis professores convidados, a pesquisadora, o observador e o operador de gravação. Nesse encontro não foi possível contar com a presença da relatora, todavia não houve prejuízo em relação aos registros, já que tínhamos o vídeo, o áudio e os registros do observador.

Inicialmente, foi explicado o objetivo da pesquisa e solicitados a autorização para a gravação e o registro da conversa. Na sequência, deu-se início às provocações para as discussões entre os professores, abordando os mesmos temas discutidos com os alunos e que são alvos de interesse nesta pesquisa.

Mediar o grupo dos professores se mostrou uma tarefa mais complexa do que mediar o grupo de alunos, pois o grupo apresentou maior dificuldade em manter a discussão focada no tema proposto e também houve a dificuldade relativa ao fato de um ou outro participante tentar monopolizar a conversa, o que tornava um pouco mais difícil a mediação. As falas deste primeiro encontro, a exemplo do que ocorreu no encontro com os alunos, também foram utilizadas para direcionar as discussões do encontro seguinte, a fim de aprofundar as discussões.

O segundo encontro para a *Roda de Conversa* com os professores foi um pouco mais difícil de articular, pois vários adiamentos aconteceram, atrasando o cronograma inicialmente proposto. Os motivos para os adiamentos variaram desde paralisação dos professores da rede estadual de ensino, incompatibilidade de agenda dos participantes a necessidade de reorganização de horário na escola. Finalmente a segunda *Roda de Conversa* foi realizada sem a participação de duas professoras – a professora de Matemática (P4) e a professora de História (P3), que, por motivos particulares, haviam faltado nesse dia. Portanto o segundo encontro contou com a participação de apenas quatro professores em vez dos seis que formaram a primeira *Roda de Conversa*. A equipe de registro, a partir de agora não contava mais com a presença da relatora, pois os instrumentos de gravação de áudio e vídeo, somados aos

registros do observador, atendiam às necessidades da pesquisa.

O principal tema discutido nesse encontro foi a relação professor/aluno, pois as discussões do encontro anterior não se aprofundaram neste tema e, portanto, não tínhamos informações consistentes sobre o assunto, daí a necessidade de retomá-lo. Os professores estavam mais à vontade no segundo encontro, e se mostraram mais 'falantes' e descontraídos. Sempre se posicionavam sobre o que o colega dizia, concordando, discordando e apresentando situações que exemplificavam algum ponto de vista expressado. Houve maior facilidade na mediação do grupo, pois a conversa fluía entre os participantes sem preocupação; em momento algum se percebeu, como no encontro anterior, o monopólio da palavra por parte de alguns participantes.

A realização da *Roda de Conversa* apresentou um desafio desde o momento dos convites até sua efetivação. A maneira como a pesquisadora passou a ser vista no próprio ambiente de trabalho, que até então era de absoluta familiaridade, foi substituída por um clima de reserva e desconfiança. A perspectiva de ser 'investigado' parece trazer certo desconforto ao ambiente docente. Um tratamento mais formal toma corpo onde antes havia total informalidade e descontração. A preocupação, por parte de alguns professores, em dizer o que é correto, ou o que se aproxima do ideal, do esperado, para essa ou aquela resposta, com base em teorias educacionais que sustentam (ou deveriam sustentar) a prática pedagógica, ficou muito visível em alguns momentos. Há que se registrar que a pesquisadora trabalha como coordenadora pedagógica com os participantes da pesquisa e interage com eles no cotidiano da escola. Portanto, as práticas do dia a dia dos professores lhe são familiares, o que lhe permite fazer inferências como esta aqui descrita.

Considerações finais

Adentrar os caminhos da pesquisa científica para compreender aquilo que incomoda é uma forma de 'encarar a realidade sem preconceitos' e a ela resistir, como bem lembra Arendt (1990). Nessa perspectiva, o estranhamento de uma situação tida como natural é o início de um processo de compreensão que somente se finalizará após a descoberta das possibilidades de transformação da situação que lhe deu origem.

Esta pesquisa possibilitou identificar a relevância da técnica utilizada para a coleta/construção dos dados, denominada de *Roda de Conversa*, à medida que oportunizou aos professores e alunos um momento de discussão, interação e reflexão, itens desejados na relação professor/aluno e tidos como distantes no cotidiano escolar, segundo os participantes da pesquisa.

Por meio das provocações erigidas nas *Rodas de Conversa*, a fim de desvelar as percepções sobre os conceitos de adolescência, foi possível promover diversas reflexões sobre a relação professor/aluno no contexto escolar. Todos puderam expressar livremente suas inquietações e expectativas num clima de informalidade e, ao mesmo tempo, de seriedade. A experiência de sentir-se protagonista do cotidiano escolar foi vivenciada pelos participantes, à medida que suas falas expressavam verdades pertencentes não apenas a si mesmos, mas a seus pares, conforme descobriam no decorrer das discussões. O contentamento e a satisfação em relação a essas descobertas puderam ser percebidos ao final de cada encontro, quando professores e alunos expressavam o desejo de que a *Roda de Conversa* acontecesse com mais frequência na escola.

Foi possível, ainda, vislumbrar tal metodologia sendo utilizada como proposta de ferramenta pedagógica, bem como proposta de formação continuada de professores, reuniões pedagógicas e conselhos de classe, uma vez que o diálogo se estabelece e possibilita compreender que a reflexão individual não se desenvolve sem o crescimento de comunidades críticas. Assim, a reflexão capaz de levar à compreensão e reelaboração de conceitos e conhecimentos encontra na *Roda de Conversa* um espaço privilegiado para seu desenvolvimento. Espaço esse que pode contribuir para a articulação entre experiências pessoais e profissionais, gerando em seus participantes uma postura de maior disponibilidade ao enfrentamento das questões presentes no cotidiano escolar. A *Roda de Conversa*, mais que um instrumento de coleta de dados, mostrou-se um eficiente espaço de reflexão, capaz de promover avanços nas relações que se estabelecem no cotidiano escolar.

Vale ressaltar que a utilização da *Roda de Conversa* com alunos já havia sido realizada na prática pedagógica da pesquisadora no âmbito da educação infantil, como momento de contar histórias, tomar decisões em conjunto, ouvir os alunos e promover reflexões sobre as relações que se estabeleciam entre os pequeninos. Diante

disso, entende-se que, se é possível estabelecer esse espaço na educação infantil, certamente é possível consolidá-lo nas demais etapas escolares. Para tanto, há que se refletir sobre a disponibilidade de ouvir o outro, o que não é comum no cotidiano da escola; também, é necessário refletir sobre o distanciamento que se impõe aos espaços de diálogo na escola à medida que o grau de escolaridade avança, quando deveria ser exatamente o contrário. Não deveria ser motivo de estranhamento uma *Roda de Conversa*, um espaço de diálogo e reflexão no interior da escola, como aconteceu inicialmente com esta pesquisa, pois a escola deveria ser, por excelência, o privilegiado espaço de diálogo, o verdadeiro diálogo onde todos podem falar e serem ouvidos, para que possam assumir uma participação ativa no cotidiano escolar.

Para finalizar, importa considerar os caminhos (e até descaminhos) tomados por esta pesquisa ao longo de seu desenvolvimento. Caminhos que, por se alternarem entre idas e vindas perante os objetivos iniciais da pesquisa, permitiram compreender a essência do pensamento de Gonzalez Rey (1997). Esse autor defende a superação dos limites rígidos impostos pelas relações hierarquizadas comumente assumidas nas pesquisas, promovendo um engessamento da ação do pesquisador e inibindo a própria compreensão da realidade investigada.

Esses direcionamentos e redirecionamentos assumidos nesta pesquisa permitiram manter a interação com a realidade investigada e compreendê-la como algo vivo e dinâmico que se move e se modifica constantemente, inviabilizando uma constatação de dados estáticos e definitivos (nesse sentido a utilização do termo coleta/construção de dados). À medida que os dados foram sendo construídos nas *Rodas de Conversas*, novos aspectos do tema investigado foram se desvelando aos participantes da pesquisa e apontando os vieses possíveis para a compreensão da realidade e para necessárias superações. Assumir a importância da subjetividade nas pesquisas educacionais e adotar uma postura de pesquisadora que pertence ao universo investigado, que se junta a seus pares para compreender a realidade à qual pertencem, é condição *sine qua non* para o avanço nas pesquisas em educação. Nessa ótica, apoio a afirmativa de Cruz (2012) de que “[...] ou nos recolhemos às explicações pré-existentes ou assumimos, principalmente no âmbito das ciências humanas e sociais, o risco de lidar de modo franco com aquilo que ainda não foi

vivenciado por qualquer outra pessoa do planeta”.

Referências

- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- BRASIL. **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.
- CRUZ, G. de C. **Sobre a pesquisa no campo das ciências humanas/sociais**. Comunicação pessoal. Irati, dezembro de 2012.
- GASKEL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64 – 89.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2005.
- _____. **A construção da pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Liber Livros, 2007.
- GONZALEZ REY, F. L. **Epistemologia cualitativa y subjetividade**. São Paulo: EDU, 1997.
- IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista Escola de Enfermagem**. USP, v. 35, n. 2, p.115-21, jun. 2001.
- LADRIÈRE, J. Prefácio. In: BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 9-22.
- MELO, M. C. H. de. **Construção social do conceito de adolescência e suas implicações no contexto escolar**. 2013. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

Recebido em: 21/10/2013

Aceito em: 18/03/2014